

4. Datã e Abiram contra Moisés (Nm 16,12-15)

4.1. Organização do texto

A primeira unidade terminou no fim do discurso de Moisés a Coré e seu grupo com a pergunta retórica: “E Aarão o que é ele para que murmureis contra ele?” (v.11b). O enredo de ação continua com o acréscimo de novos conflitos em torno da autoridade. O autor quer explicitar esses conflitos contra Moisés, ao trazer em cena o grupo destacado de Datã e Abiram (v.12). A história de Datã e Abiram fora deixada de lado na primeira cena (v.1-3)⁴⁴⁰ para apresentar o conflito de Coré e um grupo de levitas contra Aarão (v. 4-11), tendo Moisés como seu defensor (v.11). Por esse motivo, em relação ao que precede, esta unidade revela certa descontinuidade, pois a história de Coré, por ora, cede lugar à história de Datã e Abiram. O texto mostra uma organização. De um lado, temos a convocação de Moisés feita a Datã e Abiram, seguida da reação negativa deles (v.12bc). Em contrapartida, diante das queixas dos revoltosos contra Moisés (v.13a-14d), temos a reação negativa dele (v.15ab), concluída com uma fala dirigida a YHWH contra Datã e Abiram (v.15c.e). O final da unidade literária é bem determinado. Datã e Abiram saem de cena no v.15, e Moisés volta a dirigir-se a Coré no v.16a.

⁴⁴⁰ Na sequência narrativa, quando um elemento importante da história é colocado de lado, produz um “gap” (brecha, intervalo) que resulta em certa descontinuidade na ordem da narração. Este é um fenômeno frequente em certas narrativas bíblicas (cf. STERNBERG, M. *The Poetics of Biblical Narrative*, p. 235-237).

4.2. Elementos estilísticos e narrativos

4.2.1. O efeito do acúmulo

O autor, ao trazer em cena Datã e Abiram, insere-os na seqüência cronológica dos acontecimentos no dia anterior ao desfecho do enredo⁴⁴¹, para dar maior relevância ao enredo de conflito contra autoridade. O autor, ao alongar o tempo da narração⁴⁴² no dia anterior, cria maior dramaticidade, pois acrescenta novos conflitos ao enredo. Este recurso de colocar uma segunda história de rebelião ao redor da primeira, no contexto de todo enredo, tem um efeito retórico de hostilizar os levitas como uma linhagem rebelde e ingrata que merece um castigo sem misericórdia⁴⁴³.

Portanto, a segunda cena, que é a revolta de Datã e Abiram, tem a função de dramatizar mais os conflitos por meio do chamado efeito acumulado⁴⁴⁴. Nesse caso, ao conflito religioso da primeira unidade (v. 4-11), é acrescentado um conflito político contra a autoridade civil de Moisés (v.12-15). Ele agora não é porta voz e defensor do sacerdócio (v.10-11), e sim, líder e juiz do povo⁴⁴⁵. A

⁴⁴¹ Entende-se que o conflito de Datã e Abiram (v.12-15) esteja no dia anterior ao desfecho da trama pela indicação no v. 16c (cf. v.5b.7b) de que o ritual do incenso, que determina o fim do enredo, deve ser feito no dia seguinte. Assim a narração da execução da ordem do oferecimento do incenso no v.18, entende-se que aconteceu no outro dia de manhã.

⁴⁴² Tempo da narração, ou tempo do discurso, é o material de tempo necessário para contar a história. (SKA, J. L. *Our Fathers Have Told Us*, p. 7-8). Neste sentido, o que conta é a quantidade de frases e palavras que o narrador utiliza em torno de um fato. O tempo da narrativa ou tempo da história é a medida do tempo cronológico dos acontecimentos. Neste relato a ordem dos acontecimentos narrados (tempo da narração) no espaço de um dia não corresponde necessariamente à ordem da sucessão na história (tempo da narrativa). Isto porque alguns conflitos começaram a acontecer muito tempo antes de ser narrados, e podem ter ocupado um tempo mais longo que dois dias (cf. MARCHESE, A. *L'officina del Racconto*, p. 132). De fato, em 16,12, não é indicado que o conflito com Datã e Abiram começou justamente um dia antes. Parece que o conflito estava acontecendo fazia muito tempo. No entanto, o autor encaixou todos os conflitos no espaço de um dia para valorizar o tempo da história, em vista do que acontecerá no dia seguinte.

⁴⁴³ Cf. STAUBLI, T. *Die Bücher Levitikus Numeri*, p. 262. Esta colocação também explica a junção dos dois grupos no mesmo castigo no v. 32ab. Aí os homens de Coré e o grupo de Datã e Abiram foram engolidos pela terra.

⁴⁴⁴ Este acúmulo, em Nm 16,1-17,15, revela-se nos conflitos e personagens que se alternam de forma criativa no enredo: Datã e Abiram fazem oposição contra Moisés (v. 12-15), Coré e seus seguidores contra Aarão (v. 16-18), Coré e toda a congregação contra Moisés e Aarão (v. 19) (cf. STAUBLI, T. *Die Bücher Levitikus Numeri*, p. 263).

⁴⁴⁵ Na primeira cena, Coré, líder de uma rebelião contra a autoridade de Moisés e Aarão (v. 3-7), torna-se porta voz de um grupo de levitas (v. 8-11) num conflito de ordem religiosa. Nesta segunda unidade, o conflito entre Moisés e Datã e Abiram é de ordem política contra a autoridade

cena do conflito com Datã e Abiram marca uma nova etapa do conflito iniciado nos v. 2-3 e revela a diversidade de conflitos nas queixas dos opositores (v.3.13a-14). Assim, também retarda o desfecho que acontecerá no dia seguinte.

4.2.2. A articulação entre narração e discurso

São apresentados dois discursos: o de Datã e Abiram (v.13-14) e o de Moisés a YHWH (v.15). A unidade apresenta a narração da iniciativa de Moisés, que mandou chamar Datã e Abiram. O primeiro discurso inicia com a resposta negativa à convocação de Moisés: “Não subiremos” (v.12b). Todo o discurso a seguir explica o motivo da negação. Os leitores chegam ao conhecimento do que está acontecendo por meio da queixa de Datã e Abiram. A reação de Moisés, apresentada pelo narrador, mostra a intensidade do conflito: “Moisés irou-se muito” (v.15a). O discurso de Moisés (v.15c-e) é dirigido a YHWH, revelando com isso o rompimento do diálogo com o grupo de Datã e Abiram.

Observa-se um paralelismo antinômico que serve de moldura à unidade. De fato, a reação negativa de Datã e Abiram à convocação de Moisés no v.12b (“não subiremos”) é paralela à reação de ira de Moisés na narração no v.15a (“e Moisés tornou-se muito irado”). A reação contrária de Moisés é expressa no seu discurso dirigido a Deus e contra os revoltosos: “Não te voltes para a oferta deles” (v.15c). A hostilidade entre os dois grupos é destacada no estado emocional dos personagens: revolta (Datã e Abiram: “Não subiremos”), ira (Moisés: “tornou-se muito irado”), e também na separação geográfica entre eles (Datã e Abiram continuam distanciados de Moisés).

No v.12a, Moisés convoca Datã e Abiram, e eles não comparecem. No v.15b, Moisés não manda recado aos opositores, mas fala a Deus. A construção da unidade destaca uma ruptura total entre os dois grupos: Moisés num lado e Datã e Abiram no outro lado.

As reações negativas dos personagens mostram que a revolta atinge seu ápice na decisão firme de Datã e Abiram de não subir até Moisés, e na reação de Moisés que se irou muito. Ele não tem o que fazer, senão recorrer a Deus contra

civil de Moisés. Assim pensam bom número de autores (B. Gray, M. Noth, G. Bernini, G. J. Wenham).

eles. Neste ponto, a dinâmica da narração continua a manter os leitores atentos para a solução que pode vir de Deus⁴⁴⁶.

4.2.3. A estrutura concêntrica em 16,13-14

O conteúdo dos versos 13-14 destaca dois motivos principais da revolta de Datã e Abiram: o fracasso de Moisés por não realizar a promessa de conduzir o povo a uma terra que mana leite e mel e pretensão de Moisés ser príncipe sobre eles de maneira absoluta.

A construção desses versículos é concêntrica. O autor utiliza também um estilo irônico. Ele mostra a frustração das esperanças do grupo em atribuir à terra de onde saíram as mesmas características da terra prometida: “terra que mana leite e mel”.

Eis a construção concêntrica dos versos 13-14:

A. Não subiremos (v.12b)

B. Nos fizeste subir (v.13a)

C.Terra que mana leite e mel (v.13a)

C` terra que mana leite e mel (v.14a)

B' nos fizeste entrar (v.14a)

A' não subiremos (v.14d)⁴⁴⁷.

Nessa estrutura, o tema da “terra que mana leite e mel” está no centro (C e C'), pois constitui o essencial da promessa e o motivo do êxodo.

O motivo da negação dupla de Datã e Abiram: “não subiremos” (A e A') é explicado pela negação do cumprimento da promessa (B'): “Nem tampouco para uma terra que mana leite e mel nos fizeste entrar” (v. 14a). A frase no v. 13a: “Nos fizeste subir de uma terra que mana leite e mel”(B), é expressão irônica por atribuir a bênção da terra prometida ao lugar da escravidão de onde saíram. Essa

⁴⁴⁶ Na primeira unidade, Moisés colocou para a congregação que YHWH irá revelar quem será o santo, e termina dizendo que a congregação de Coré está se congregando contra o YHWH (v.11). Na segunda unidade, Moisés também recorre a YHWH ao pedir que não se volte para a oferta deles (v. 15c). A pergunta aos leitores na primeira unidade continua em aberto. Em favor de quem YHWH irá responder?

⁴⁴⁷ Cf. WENHAM, G. J. *Números*, p. 143, nota 132; STAUBLI, T. *Die Bücher Levitikus Numeri*, p. 265. Esses autores fazem apenas alusão a uma estrutura concêntrica de Nm 16, 12-14, sem no entanto justificá-la.

afirmação irônica corresponde à negação enfática da posse da terra no v.14a: “Nem tampouco para uma terra que mana leite e mel nos fizeste entrar” (B’).

O autor mostra outros motivos agravantes da negação de Datã e Abiram: a) A situação de morte em v.13a: “nos fizeste subir...para nos fazer morrer no deserto” (B). Esta queixa e situação de morte originam-se da privação da terra que mana leite e mel em v.14a: “Nem tampouco para uma terra que mana leite e mel nos fizeste entrar” (B’).

Temos um texto harmônico em que as correspondências (B e B’) explicam o motivo da revolta de Datã e Abiram e sua descrença em relação à autoridade de Moisés. Se Moisés não os fez sair de uma terra que mana leite e mel (a frase irônica do texto corresponde a uma negação) (B) (v.13a), tampouco os fará entrar na terra prometida (B’) (v.14a). Por isso eles respondem: “Não subiremos” (A e A’).

4.2.4. A construção com imperfeito e infinitivo absoluto (v. 13b)

O estilo do discurso afirma com ênfase a queixa contra o autoritarismo de Moisés. O verbo *הִשְׁתַּחֲרַרְתָּ* da raiz *שׁרר* (“tornar-se príncipe”, “assenhorar-se”), no imperfeito hithpael (ou hishtaphel)⁴⁴⁸, vem precedido da partícula *כִּי* com valor enfático: “Na verdade, queres fazer-te príncipe sobre nós”. O verbo principal é seguido de um infinitivo absoluto *הִשְׁתַּחֲרַרְתָּ* hithpael da mesma raiz *שׁרר*. A forma é também precedida de uma partícula com significado enfático *עַד* (“até mesmo”). Assim, o infinitivo absoluto acrescenta um grau de intensidade ao modo da ação do verbo principal⁴⁴⁹. Por isso optei por traduzi-lo como a forma adverbial “até mesmo totalmente”.

Outro detalhe é a recorrência da preposição *עַל* com significado “sobre” (v.13b): “Queres fazer-te príncipe sobre nós”. Este motivo da acusação de Datã e Abiram é o mesmo motivo da queixa de todo o grupo no v.3f: “Então, por que vos

⁴⁴⁸ A forma se explica porque em verbos hebraicos cuja raiz começa com uma consoante sibilante (*ס ז ש ז צ*) ocorre a metátese desta consoante com o *ת* do prefixo (cf. LAMBDIN, T. *Introduction to Biblical Hebrew*, p. 248, n. 177). O verbo, com esta raiz nesta forma, só aparece duas vezes na Bíblia Hebraica, e apenas em Num 16,13.

⁴⁴⁹ Cf. GESENIUS, W ; KAUTZSCH, A. *Gesenius Hebrew Grammar*, p. 343 n. 113; JOÜON, P. *Grammaire de L’ Hebreu Biblique*, p. 349, n. 123d.

elevais sobre a assembléia de YHWH”? O estilo do versículo tanto acentua a denúncia contra o autoritarismo de Moisés como retoma o motivo-chave de toda a revolta com a preposição על (“sobre”): Moisés, ao querer tornar-se príncipe totalmente “sobre eles”, coloca-se definitivamente “contra eles”, dando motivo à continuidade da revolta.

Observemos também que a denúncia, “Na verdade queres fazer-te príncipe sobre nós até mesmo totalmente” (v.13b), é colocada como agravante da acusação no v.13a: “para nos fazer morrer no deserto”(v.13b). A partícula כִּי, seguida do verbo no imperfeito, tem, neste caso, a função de enfatizar a acusação de Datã e Abiram⁴⁵⁰. Da mesma forma, o waw junto à expressão interrogativa וּמָדוּעַ (“Então por que...?”), no v. 3f, torna a frase interrogativa mais forte, como introdução à queixa contra Moisés e Aarão: וּמָדוּעַ תִּתְנַשְּׂאוּ עַל-קְהֵל יְהוָה (“Então, por que vos elevais sobre a assembléia de YHWH?”)

4.2.5. A expressão interrogativa כִּי הֲמַעַט e a partícula אֲתָ

A segunda unidade é bem construída em função de todo o enredo. Ela se encontra interligada com o que precede. O reaparecimento da expressão interrogativa: הֲמַעַט (“é pouco”) introduz a queixa de Datã e Abiram, réplica da mesma expressão, cheia de ironia, usada por Moisés no v. 9a: הֲמַעַט מִכֶּם (“é pouco de vós”). O autor soube colocar nos diálogos ironia, mas também agressividade. Se, na cena anterior, Moisés acusou o grupo de Coré de pretender אֲתָ (“até mesmo”) o sacerdócio, o cargo máximo (v.10), nessa unidade Datã e Abiram acusam Moisés também de pretender um cargo num grau máximo: “queres fazer-te príncipe sobre nós, até mesmo totalmente”? Outro detalhe estilístico que chama a atenção é אֲתָ לֹא no v. 14a. Esta partícula hebraica é uma conjunção que denota adição de algo maior e pode ter o sentido copulativo simples, ou enfático⁴⁵¹. Na prosa simples, a conjunção é muito rara⁴⁵². Em geral é

⁴⁵⁰ Sobre o valor da partícula כִּי e seus diferentes significados, cf. BROWN, F; DRIVER, S. R; BRIGGS, C. A. *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, p. 471-475; ALONSO SCHÖKEL, L. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 312-313.

⁴⁵¹ Cf. ALONSO SCHÖKEL, L. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 72.

⁴⁵² Cf. BROWN, F; DRIVER, S. R; BRIGGS, C. A. *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, p. 64.

mais comum o uso de outra partícula com significado equivalente: וְ (“também”, “até mesmo”). O autor, ao colocar esta partícula וְ acompanhada da negação לֹא , destaca a negação da promessa e a frustração de Datã e Abiram naquilo que seria óbvio para todos: o cumprimento da promessa da terra. Por isso, traduzi וְלֹא com sentido enfático: “nem tampouco”.

A partícula וְ com sentido enfático e também a conjunção וְלֹא mostram como o autor soube organizar as tradições em mãos, na seqüência das unidades em vista de dramatizar o conflito. Na parte narrativa, o autor⁴⁵³ destaca que o conflito chega ao limite, na reação irada de Moisés. Ira, frustração e revolta estavam presentes também no primeiro confronto de todo o grupo contra a posição de Moisés e Aarão no v. 3c. A expressão רַב־לְכֶם (“é muito para vós”), naquele contexto, expressava esses sentimentos do grupo. Como na unidade anterior, o autor privilegia os discursos dos personagens. Por meio da fala dos atores que deixam transparecer forte emoção, os leitores chegam ao conhecimento do motivo dos conflitos⁴⁵⁴. A construção revela unidade com o que precede e harmoniza a apresentação da temática da revolta contra Moisés.

⁴⁵³ Os termos “autor” ou “redator” são usados indistintamente. Não se exclui que o “autor” tenha utilizado outras fontes escritas. Portanto, é também redator.

⁴⁵⁴ Na linguagem técnica da análise narrativa, denomina-se “focalização interna”, quando os leitores chegam ao conhecimento dos fatos por meio dos discursos dos atores (cf. VIRONDA, M. Gli inizi dell’ ascesa di Davide. *Rivista Biblica* XLI, n. 3, p. 268).

4.3. Interpretação do texto

4.3.1. A convocação de Datã e Abiram (v. 12)

A história retoma contestação à autoridade de Moisés com a participação de Datã e Abiram. וַיִּשְׁלַח מֹשֶׁה לְקַרְא לְדָתָן וְלָאֲבִירָם (“Moisés mandou chamar Datã e Abiram”). O verbo שָׁלַח significa: “enviar uma palavra”, “enviar uma mensagem”. Com esse sentido, no texto hebraico, não requer um objeto direto⁴⁵⁵. Esta construção do verbo “enviar para”, seguida do infinitivo construído (cf. Nm 22,5.37; 1Sm 22,11), supõe que a ação seja realizada por um ou mais intermediários que levaram a mensagem (cf. Gn 27,42.45; 32,6; Nm 21,32; Js 10,3; 1Sm 5,8)⁴⁵⁶. Neste caso, no v.12a, foram enviados provavelmente pessoas do grupo de Moisés, que estavam a seu serviço. Não é indicado onde estejam Datã e Abiram quando recebem o recado. Talvez haviam se distanciado para as suas tendas durante o confronto de Moisés contra Coré⁴⁵⁷. Também não há por enquanto alguma indicação de que a revolta se estendeu além do círculo imediato dos rubenitas⁴⁵⁸. O fato é que há uma distância entre Moisés e o grupo de Datã e Abiram. A iniciativa de convocá-los, por parte de Moisés, indica que a notícia da revolta já havia se espalhado no meio do povo⁴⁵⁹, e alguém a deve ter levado a Moisés. Ele já sabia de antemão que a revolta estava organizada e conhecia o motivo da oposição⁴⁶⁰. Por isso, procurou um contato com os líderes⁴⁶¹.

Não é indicado um momento preciso de quando começou a revolta. A ação é colocada pelo autor no dia anterior ao desfecho do enredo. Isso indica que a ação da revolta de Datã e Abiram contra a autoridade de Moisés seja um

⁴⁵⁵ Cf. LEVINE, B. A. *Numbers 1-20*, p. 413-414.

⁴⁵⁶ Cf. ALONSO SCHÖKEL, L. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 673.

⁴⁵⁷ Cf. SALES, M. *Il Vecchio Testamento Commentato*, vol. 1, p. 57; WENHAM, G. J. *Números*, p. 142-143.

⁴⁵⁸ Cf. GRAY, G. B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 190.

⁴⁵⁹ Cf. SAKENFELD, K. B. *Journing with God*, p. 99.

⁴⁶⁰ Cf. BERNINI, G. *Il Libro dei Numeri*, p. 176.

⁴⁶¹ Nm 12-15 não menciona explicitamente que Datã e Abiram sejam líderes de um grupo. Porém, o grupo é explicitado na seqüência da narração. Em Nm 16,27, parece claro que Datã e Abiram são chefes de família e proprietários de tendas.

desdobramento da ação da revolta iniciada em 16,3. Lá Datã e Abiram estavam juntos de Coré para enfrentar a autoridade de Moisés e Aarão⁴⁶².

Em 16,12b eles manifestam toda sua revolta e não aceitação da autoridade de Moisés. Datã e Abiram responderam לֹא נַעֲלֶה (“não subiremos”)⁴⁶³. O verbo נַעֲלֶה (“subir”) neste texto, com a partícula negativa, expressa a desobediência de Datã e Abiram em não comparecer diante de Moisés⁴⁶⁴. O verbo subir, de fato, em algumas ocorrências, revela este sentido de subir para comparecer diante de alguém (cf. Gn 46,31; Dt 17,8; 25,7; Jz 4,5). Como esta tradição aqui inserida pelo narrador remonta aos primórdios da conquista da terra, o significado do verbo subir está ligado à caminhada do povo para a terra prometida. Neste sentido, a negação “não subiremos” significa a recusa de um grupo em continuar a subida com Moisés, do Egito para entrar na terra e dela tomar posse⁴⁶⁵.

O verbo נַעֲלֶה (“subir”) aplica-se à travessia do Egito subindo até Canaã (Ex 33,1; Nm 13,17. 21. 30; Dt 1,21. 26. 41; Jz 1,1-4). Portanto, a negação refere-se à não aceitação por parte dos rubenitas em reunir-se com outras tribos na tentativa de entrar na terra prometida a partir do Sul⁴⁶⁶. Essa teoria tem sua razão pela semelhança das frases, das palavras de Datã e Abiram no v.12-14, com as palavras de Caleb e os espiões em 13,30-31. Neste texto, “subir” é o mesmo que “entrar” e “herdar” a terra prometida: עָלָה נַעֲלֶה וְיָרַשְׁנוּ אֹתָהּ (“de fato subiremos e a herdaremos”) (Nm 13,30)⁴⁶⁷.

O tema da revolta contra autoridade e da recusa do povo em continuar a caminhada não se excluem, mas são complementares. A recusa de Datã e Abiram de subir, nesse contexto, pode ser interpretada como recusa de prosseguir a

⁴⁶² Em nossa análise, o sujeito do verbo וַיִּקְהָלוּ, no v. 3a, é todo o grande grupo: Coré, Datã, Abiram, On e os duzentos e cinquenta líderes. Assim, a história do conflito de Datã e Abiram contra Moisés não é estranha no contexto. No enredo, os conflitos contra a autoridade de Moisés e Aarão são tratados um por vez: primeiro o confronto com Coré, depois o confronto com Datã e Abiram.

⁴⁶³ A crítica da constituição do texto separa as duas histórias como sendo de tradições diferentes: Jeovista e Sacerdotal com retoques posteriores (cf. WENHAM, G. J. *Números*, p. 148; BUDD, P. J. *Numbers*, p. 184).

⁴⁶⁴ Cf. GRAY, B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 201; NOTH, M. *Numbers*, p. 125; ARTUS, O. *Etudes sur Le Livre des Nombres*, p.177-178. F.CRÜSEMANN (citado in: ARTUS, O. *Etudes sur le livre des Nombres*, p. 177) reforça esta opinião, ao argumentar que a tradição de Datã e Abiram, na sua forma primitiva, teria por tema a autoridade de Moisés e não a marcha para a terra prometida.

⁴⁶⁵ Cf. FRITZ, V. *Israel in der Wüste*, p. 87-88; COATS, G. W. *Rebellion in the Wilderness*, p. 164-166.

⁴⁶⁶ Cf. DAVIES, E. W. *Numbers*. p. 165; BUDD, P. J. *Numbers*, p. 186.

⁴⁶⁷ Cf. DAVIES, E. W. *Numbers*, p. 165.

marcha rumo a terra prometida⁴⁶⁸. O contexto mostra que a recusa de “subir” para a terra prometida, por parte de um grupo descrente do projeto (cf. Nm 13,31; 16,13-14), é utilizada pelo autor para reforçar o motivo chave da revolta e desobediência aos líderes Moisés e Aarão: seu abuso de autoridade (v. 3 e 13c).

Se Moisés é acusado de pretender ser príncipe totalmente sobre o grupo (v. 13), literariamente entende-se o verbo subir no v. 12b e no v. 14d, com um sentido figurado. “Não subiremos” indica também, nesses casos, a negação de dirigir-se para uma autoridade mais alta, um rei, ou um juiz (Gn 46,37; Dt 25,7; Jz 4,5). Assim, em Gn 46,29: José “subiu para Gossen para encontrar seu pai Israel”. Faraó dominava o Egito, e José com seu pai eram-lhe submissos. Por isso, em Gn 46,31: José “sobe” para informar o Faraó⁴⁶⁹. Aqui Datã e Abiram, com sua resposta: “não subiremos”, mostram sua insubmissão à autoridade de Moisés, o qual está num grau mais alto (“sobre”) e pretende dominar totalmente (cf. v. 13-14). Este é um significado importante do verbo “subir” nesta cena⁴⁷⁰, porém é inseparável do contexto da condução para dentro da terra cultivada, tendo Moisés como líder e condutor⁴⁷¹. O povo está parado na região de Cades, e os conflitos contra a autoridade de Moisés e Aarão estão atrasando a partida.

Desde o início, em Nm 16,3, Moisés e Aarão são acusados de elevar-se sobre a assembléia de YHWH. A relação do povo com a liderança de Moisés, portanto, é vertical. Além do mais, a acusação mais grave é que Moisés usurpou o poder totalmente para si (v. 13c). O povo está embaixo e deve “subir” até Moisés. Moisés mandou chamar Datã e Abiram e não se dignou descer até eles, porque sua posição é de superioridade. A negação לֹא נַעֲלֶה (“não subiremos”), por ser repetida ainda no v. 14d, torna-se mais enfática. Os revoltosos estão determinados a não sair dos seus lugares para ir até Moisés. A firmeza deste grupo que resiste é

⁴⁶⁸ Cf. ARTUS, O. *Etudes sur de livre des Nombres*, p. 177.

⁴⁶⁹ Cf. WEHMEIER, G, נַעֲלֶה (“subir”). In: JENNI, E; WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento II*, p. 355.

⁴⁷⁰ Cf. GRAY, B. G, *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 201; ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 310.

⁴⁷¹ São três círculos de tradições em que domina a figura de Moisés: a) a condução para fora do Egito e o milagre do Mar dos Juncos (Ex 1-15); b) a condução pelo deserto e a celebração da Aliança no monte de Deus (Ex 15,22-20,21; 24; 32-34; Nm 10,11-12,16); c) a condução para dentro da terra cultivada (Nm 13; 14; 16; 20; 25; 32; Dt 34). As tradições da revolta dos rubenitas, em Nm 16,12-15, são situadas no contexto da condução em vista de ocupar a terra prometida (cf. DONNER, H. *História de Israel e dos povos vizinhos*, vol. 1, p. 126). As tradições em torno de Coré e dos levitas foram juntadas para formar uma história única, na qual Moisés e também Aarão são confrontados na sua autoridade.

mostrada pelo narrador no v. 27b: יֵצְאוּ נֹצְרִים (“saíram postando-se”) na entrada das tendas deles.

O distanciamento de Datã e Abiram é geográfico e mais ainda ideológico, porque eles não assumiram o projeto de Moisés. Essa distância entre os dois grupos teve a participação concreta de ambos. No v. 26ab, é Moisés quem fala para a congregação se afastar “desses homens malvados”. A ruptura entre os dois grupos é radical e sem retorno na decisão dos revoltosos: “Não subiremos”.

4.3.2. As queixas de Datã e Abiram contra Moisés (v. 13ab)

O discurso de Datã e Abiram começa com uma frase interrogativa retórica: כִּי הַמָּעַט (“é pouco que”). A partícula responde com ironia à convocação de Moisés, da mesma forma que Moisés havia usado no seu discurso para justificar o privilégio do grupo de Coré no v. 9a. A pergunta retórica reforça o peso das denúncias que estão por trás de toda a queixa no v. 13: “nos fizestes subir de uma terra que mana leite e mel, para nos fazer morrer no deserto. Na verdade, queres fazer-te príncipe sobre nós, até mesmo totalmente”? O conteúdo do discurso revela duas denúncias colocadas em paralelo: o fracasso de Moisés em não cumprir a promessa e o abuso da autoridade de Moisés ao constituir-se chefe supremo sobre eles. Isto seria o pior que poderia acontecer a um grupo que saíra esperançoso do Egito.

Com a expressão interrogativa כִּי הַמָּעַט (“é pouco que”), eles expressam a amargura e frustração com a liderança de Moisés. A expressão forma um paralelismo antitético com רַב-לָכֶם (“é muito para vós”) no v. 3c. Lá a pergunta retórica pedia uma resposta negativa. O fato de toda a congregação, todos eles serem santos, era o suficiente para todos viverem um projeto de uma liderança participativa e não havia motivo para Moisés e Aarão se elevarem sobre a assembléia de YHWH. Aqui a expressão “é pouco que” pede de Moisés também uma resposta negativa. Ela traz a denúncia que “foi demais” o que Moisés fizera ao povo! Foi o pior que lhes haveria de acontecer: Além de não cumprir a promessa de levar o povo à terra prometida, Moisés torna-se chefe absoluto sobre eles. Nas palavras de Datã e Abiram, parece haver um apelo para que Moisés

tome consciência do fracasso do projeto do êxodo. Foi frustrada a promessa e a esperança da posse da terra prometida. Os líderes, por isso, recusam-se a encontrar-se com Moisés. No teor do discurso cheio de ironia, eles estão recusando a liderança de Moisés e já não crêem realizar o sonho de possuir a terra que mana leite e mel.

Moisés os “fez subir” (Ex 17,3; 32,1; 33,1; Nm 20,5). Este é o verbo do êxodo, para indicar a passagem de uma terra para outra (Gn 46,4; 50,24; Ex 3,8.17)⁴⁷². Porém, alguns não aderiram a este projeto e rejeitaram a autoridade de Moisés, como chefe e guia. Para os revoltosos, o êxodo não foi libertação. Eles acusaram Moisés: “nos fizeste subir de uma terra que mana leite e mel”. Qualificaram ironicamente a terra de onde saíram com as mesmas características da terra prometida: “uma terra que mana leite e mel”. Assim, o sonho da posse da terra fértil é colocado no passado, quando estavam na terra da escravidão. A descrição da fertilidade da terra prometida, conforme Nm 13,27-29, é de fato uma terra que mana leite e mel⁴⁷³. A posse da terra como herança era o sonho de todos.

O autor não menciona explicitamente qual a terra de onde subiram. Segundo Coats, a justaposição da expressão *זָבַת חֶלֶב* (“que corre leite e mel”) com *מֵאֶרֶץ* (“de uma terra”), junto com o verbo subir na forma hifil: *הֶעֱלִיתָנוּ* (“nos fizeste subir”), sugere que a referência do lugar é o Egito⁴⁷⁴. Alguns dos textos paralelos, especialmente Ex 3,8; 17,3; 33,1; Nm 21,5, confirmam ao relatar o verbo “fazer subir”, seguido da preposição com o nome Egito. Assim, Ex 3,6: *לְהַעֲלֹתוֹ מִן־הָאָרֶץ הַהִוא* (“para o fazer subir daquela terra”) é paralelo com Ex 3,11: *מִמִּצְרַיִם* (“do Egito”). O fato de ser a única vez em que a terra de onde saíram ser descrita ironicamente como “terra que corre leite e mel”, mostra a seriedade da revolta e a frustração desse grupo. Muitas vezes o

⁴⁷² a raiz hebraica *עלה*, na forma hifil, significa: “fazer subir”, “conduzir para cima”, para uma região mais alta (Gn 46,4; 50,24; Ex 3,17; 17,3; 32,1; 33,1; Nm 14,13) (cf. ZORELL, F. *Lexicon Hebraicum Veteris Testamenti*, p. 600). É um verbo freqüente para designar a libertação do Egito (Ex 3,8; 17,3; 32,1; Lv 11,45; Nm 14,3; Dt 20,1; Js 24,17; Jz 2,1; 1Sm 8,8; 2Sm 7,6; 1Rs 12,28; 2Rs 17,7; Jr 2,6; Os 12,14; Am 2,10; Mq 6,4) (cf. ALONSO SCHÖKEL, L. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 497), e também o retorno dos exilados que também é considerado como subida (cf. Esd 2,1.59; 7,6.7.28; 8,1; Ne 7,5.6.61; 12,1) e um novo êxodo.

⁴⁷³ “Terra que mana leite e mel” é a descrição modelo da fertilidade de Canaã: Ex 3,8.17; 13,5; 33,3; Lv 20,24; Nm 13,27; 14,8; 16,14; Dt 6,3; 11,9; 26,9.15; 27,3; 31,20; Js 5,6; Jr 11,5; 32,22; Ez 20,6.15 (cf. BROWN, F; DRIVER, S. R; BRIGGS, C. A. *Hebrew and English Lexicon of The Old Testament*, p. 185-316).

⁴⁷⁴ COATS, G. W. *Rebellion in the Wilderness*, p. 164. A edição Lagarte da LXX, em muitos manuscritos, sugere ler: “do Egito”. Da mesma forma, também a recensão Luciânica sugere o acréscimo: “do Egito”.

povo havia murmurado contra Moisés e contra Aarão com saudades do Egito. A terra da escravidão era descrita como lugar de fartura (Nm 11,5; 14,11-12; 21,5; Ex 16,3). Datã e Abiram olham para trás de onde saíram e fazem memória do êxodo como desgraça e não libertação. A acusação deles revela que esse projeto fracassou por incapacidade de Moisés enquanto guia do povo. Por isso a afirmação da saída é irônica e corresponde à negação absoluta do projeto do êxodo e sua frustração.

Os revoltosos expressam que o projeto do êxodo é totalmente o contrário do projeto da vida, da terra fértil e da abundância. É um projeto de morte: “Nos fizeste sair de uma terra... para fazer-nos morrer no deserto” (Nm 20,4; 21,5; Ex 14,11; 17,3). O ponto de chegada não é a entrada na terra, mas a morte no deserto. Em Nm 17,6-15 estará toda a congregação a murmurar contra Moisés e Aarão. O povo acusa os líderes como os responsáveis por um projeto de morte: “Vós fizestes morrer o povo de YHWH” (Nm 17,6b)! A dureza da vida leva um grupo a murmurar duramente contra a liderança de Moisés, a ponto de falarem do Egito como o paraíso perdido. A escravidão, para muitos, teria sido melhor que o êxodo. Em vez de a terra prometida ser esperança, passou a ser saudade⁴⁷⁵. Para este grupo não há esperança, nem sonhos para o futuro. Este foi um motivo sério da rebelião contra a autoridade de Moisés. Em 16,14d, novamente eles afirmam: “Não subiremos”. Esta resposta, além de insubmissão à autoridade de Moisés, designa a recusa de subir rumo à terra de Canaã (Nm 13,31), para dela tomar posse. Em Nm 14,3-4, a revolta de um grupo era tão grande que desejavam realizar um êxodo ao contrário: eleger outro líder e “descer” ao Egito.

Nesta cena de Nm 16,12-15, a negação do projeto do êxodo está inseparável da negação da autoridade de Moisés. Os confrontos contra a autoridade também atrasam a realização do projeto do êxodo⁴⁷⁶. Porém, Moisés é acusado de constituir-se chefe absoluto sobre o povo, à maneira do faraó. Assim, a prática da liderança de Moisés tornou-se contraditória em relação ao projeto participativo do êxodo (cf. Ex 18). A terra da escravidão é apresentada

⁴⁷⁵ Cf. MESTERS, C. *Paraíso terrestre. Saudade ou Esperança?* p. 49.

⁴⁷⁶ O texto, situado em relação com a parada e a crise de Cades (Nm 12; 13-14; 16-17), causou transtorno na caminhada e atrasou a realização do projeto. Eles vaguearam por quarenta anos e ninguém daquela geração entrou na terra! Dentre outros motivos, além das murmurações e revoltas, o atraso da partida fora provocado também com as conversas inoportunas de Aarão e Miriam no conflito contra Moisés em Nm 12 (cf. GRENZER, M. *Briga entre Profetas. Revista de cultura Teológica*, n. 33, p. 77-94)

ironicamente como a terra sonhada que mana leite e mel, para expressar que o atraso na realização das promessas deve-se também a atitudes autoritárias de seus líderes.

Do ponto de vista do autor, a história mostra que não é lícito contestar a autoridade de Moisés, uma vez que fora constituído por Deus como verdadeiro guia. Para A. Schar, esta negação da autoridade de Moisés, com as murmurações costumeiras, literariamente está bem construída para culminar com a derrota dos revoltosos. “Foi justamente porque eles acusaram Moisés de os fazer morrer no deserto. Justamente no deserto Datã e Abiram morrem. Porque eles se negaram a subir, eles devem descer שְׁאֵלָה (“para o Sheol”) (Nm 16,33). Por terem desprezado a terra, eles serão engolidos pela terra (16,32)”⁴⁷⁷.

4.3.3. As denúncias do autoritarismo de Moisés (v. 13b)

A parte final do versículo acrescenta uma denúncia de abuso de autoridade. A construção da frase começa com כִּי seguido de um verbo no imperfeito hithpael: תִּשְׁתַּרֵּר da raiz שָׁרַר cujo significado é: “pretender ser príncipe” “assenhorar-se”. Coats sugere uma origem do acádico, “sarârû” que significa “elevantar-se em esplendor”⁴⁷⁸. Esta interpretação corrobora o paralelo deste verbo com הִתְנַשְּׂאוּ עַל (“vos elevais sobre”), no v. 3, em que Moisés e Aarão são acusados de se elevarem sobre a assembléia de YHWH. O verbo aí tem valor reflexivo e significa “se levantar por dentro” e também “sobre” (עַל) a assembléia de YHWH. Na construção do v. 13, traduzimos o כִּי antes do verbo, com valor enfático⁴⁷⁹, pois as murmurações e denúncias contra a autoridade de Moisés como líder é um fato conhecido desde que ele os fez subir do Egito.

⁴⁷⁷ SCHAR, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 223.

⁴⁷⁸ COATS, G. W. *Rebellion in the Wilderness*, p. 165.

⁴⁷⁹ O כִּי seguido do imperfeito pode ser traduzido também com valor temporal (cf. Gn 4,12; 24,41; 30,33; 31,49; 32,18; Ex 7,9; Dt 4,25; 18,21; 6,20; Lv 25,20) ou com o valor de “que” (cf. BROWN, F. DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A. *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, p. 471-473). Neste caso, a tradução enfática parece mais adequada.

Moisés é acusado de usurpar para si o principado⁴⁸⁰. Este é o sentido do verbo *תִּשְׁתַּרְר*, que traduzimos como “queres tornar-te príncipe”⁴⁸¹. O aspecto do verbo é reflexivo e indica uma ação continuada no presente. Isto significa que Moisés se constituiu por si próprio no poder, e em benefício próprio continua a exercer a autoridade. O verbo está na segunda pessoa do singular. A denúncia é, pois, contra Moisés, não somente enquanto autoridade religiosa, mas autoridade civil de chefe e guia⁴⁸². A preposição *עַל*, com sufixo pronominal de primeira pessoa do plural: *עָלֵינוּ* (“sobre nós”), indica que o poder de Moisés não é partilhado de igual para igual, mas está acima dos outros líderes⁴⁸³.

Essa denúncia contra autoridade, que ocorre no início do enredo (Nm 16,3), constitui-se na idéia força da narração. Também lá, a frase é construída com um verbo no hithpael com valor reflexivo, seguido da preposição *עַל* (“sobre”). Moisés e Aarão são acusados de elevar-se sobre a assembléia de YHWH. Aqui a acusação é mais forte, uma vez que o verbo é seguido de *גַּם* traduzida com valor enfático (“até mesmo”), seguida do infinitivo absoluto: *גַּם־תִּשְׁתַּרְר* (“até mesmo totalmente”)⁴⁸⁴. Trata-se do exercício supremo do poder sobre o povo⁴⁸⁵. O autor enfatiza a temática do abuso da autoridade ao colocar um infinitivo absoluto após o imperfeito com *waw* inversivo. Esta construção, conforme o contexto, tem o

⁴⁸⁰ Cf. ZORELL, F. *Lexicon Hebraicum Veteris Testamenti*, p. 809. Na bíblia hebraica, o verbo da raiz *שָׂרַר* (exercer o principado, assenhorar-se), é pouco freqüente (Jz 9,22; Is 32,1; Pr 8,16; Est 1,22). Na forma hithpael com o infinitivo absoluto aparece unicamente nesta passagem de Nm 16,13.

⁴⁸¹ O verbo hebraico no imperfeito, aqui, é empregado para expressar uma ação presente. Porém a ação de Moisés, como líder, começou no passado (o imperfeito pode exprimir o aspecto de ação repetida no passado), e continua até o presente (cf. JÖUON, P. *Grammaire de L’Hébreu Biblique*, p. 302, n. 113c-e). Trata-se, portanto, de uma queixa histórica (cf. Ex 2,14).

⁴⁸² Cf. COATS, G. W. *Rebellion in the Wilderness*, p. 165.

⁴⁸³ Datã e Abiram falam em nome de um grupo. Em 16,27b, o texto menciona: “suas tendas, suas mulheres, seus filhos e crianças”.

⁴⁸⁴ O infinitivo absoluto como forma enfática do verbo principal pode ser traduzido com uma forma adverbial (cf. LAMBDIN, T. *Introduction to Biblical Hebrew*, p. 158, n. 129). Um bom número de traduções omitem traduzir o infinitivo absoluto com sentido enfático (Bíblia de Jerusalém, Bíblia Sagrada da CNBB, Bíblia Sagrada do Pontifício Instituto Bíblico, A Bíblia Sagrada Edição Pastoral, A Bíblia Edição Ave Maria) e o interpretam no sentido de graduação acrescentada ao verbo principal. Nesse caso, a tradução do infinitivo é, “a mais queres tornarte príncipe sobre nós” ou “além do que queres tornarte príncipe” (cf. JOÛON, P. *Grammaire de L’Hébreu Biblique*, p. 352, n. 1231). Esta tradução parece não considerar que o infinitivo absoluto ganha ênfase por causa do significado enfático da partícula que o precede. Por isso a tradução da partícula *גַּם* como enfática (“até mesmo”) e do infinitivo absoluto traduzido com o advérbio “totalmente” expressa com mais propriedade o significado da frase (cf. GESENIUS, W; KAUTZSCH, A. *Gesenius Hebrew Grammar*, p. 343, n. 113r).

⁴⁸⁵ Cf. BERNINI, G. *Numeri*, p. 176.

sentido de perfeição ou intensidade de ação⁴⁸⁶. Está em questão a forma como Moisés está sendo líder. A oposição de Datã e Abiram está ligada à graduação do poder: o principado absoluto. A seqüência com אָנֹכִי, mais o infinitivo absoluto⁴⁸⁷, dá o grau máximo ao modo de governar de Moisés, à maneira do Faraó. Por isso traduzimos o v. 13b: “*Na verdade queres fazer-te príncipe sobre nós até mesmo totalmente*”. A ênfase do infinitivo absoluto não cai sobre a ação verbal, mas sobre a modalidade de governar, que é reforçada⁴⁸⁸. O substantivo também derivado da raiz שָׂרַר (“tornar-se príncipe ou chefe”) é שָׂרָּ príncipe, chefe⁴⁸⁹. Em Ex 2,14, Moisés já fora questionado sobre a origem e legitimidade de sua autoridade: “Quem te colocou como שָׂרָּ וְשֹׁפֵט (“príncipe e juiz”) עָלֵינוּ (“sobre nós”)? A posição de Moisés, ao assenhorar-se totalmente do povo, contrasta com sua atitude democrática em Ex 18,21.25, quando ouviu o conselho de Jetro e constituiu chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinqüenta. Aqui a oposição da postura de Moisés em relação ao grupo de Datã e Abiram atinge o grau máximo na suposta liderança autoritária que ele pretende ter.

Segundo a acusação, Moisés se entende como líder totalitário que funda a aceitação da soberania não na preocupação do bem de todos, mas na imposição de sua exigência com força. Datã e Abiram recriminam Moisés por ele exigir a direção de Israel sem a legitimação divina. Isso significa que ele mesmo se elevou como dominador, chamando para si todo o poder⁴⁹⁰. O texto de Dt 17,16 relaciona a volta à escravidão do Egito com a adoção de um poder totalitário, cujo rei aumenta sua cavalaria, portanto seu poder: O rei ideal “não multiplicará cavalos para si, nem fará com que o povo volte ao Egito”. Com base no Deuteronômio que apresenta um projeto de um novo modo de governar, a queixa de Datã e Abiram é pertinente, pois reclamam uma liderança que conduza o povo para a terra prometida. Na forma com que Moisés está liderando, como senhor absoluto

⁴⁸⁶ Cf. JOÜON, P. *Grammaire de l'Hebreu Biblique*, p. 352, n. 123 l.

⁴⁸⁷ O infinitivo absoluto em vista de dar ênfase ao verbo é colocado antes deste. Com menos freqüência, o infinitivo absoluto tem sentido enfático quando ocorre depois do verbo. No caso dos verbos no hithpael, o infinitivo ocorre sempre depois do verbo. A nuance enfática nestes casos é tirada do contexto (cf. JOÜON, P. *Grammaire de l'Hebreu Biblique*, p. 349, n. 123d). Em Nm 16,13b, a ênfase é dada com a partícula אָנֹכִי (“também”, “até mesmo”) que precede o verbo.

⁴⁸⁸ Cf. JOÜON, P. *Grammaire de l'Hebreu Biblique*, p. 349, n. 123d.

⁴⁸⁹ O substantivo שָׂרָּ vem associado geralmente com outras atribuições que enaltecem as lideranças: grande (2Sm 3,38; chefe (2Cr 32,21), Juiz (Ex 2,14).

⁴⁹⁰ Cf. SCHAT, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 221.

colocando-se sobre o povo, acaba fazendo o caminho de volta ao Egito. Com isso dá motivo justo à queixa⁴⁹¹ e torna a situação pior.

O motivo da revolta não é somente a frustração de não realizar a promessa de conduzir o povo à terra prometida; é também a liderança autoritária de Moisés que reproduz o sistema do faraó e traz de volta o regime de escravidão. O poder opressor de uma autoridade dominadora também gera morte: “nos fizeste subir...para fazer-nos morrer no deserto” (v.13).

4.3.4. A frustração do projeto do êxodo (v. 14)

Nm 16,14 começa com uma expressão negativa com valor enfático **לֹא** **אֶף** que traduzimos como “nem tampouco”, seguida da descrição do objeto da negação que é a entrada na terra: “nos fizeste entrar para uma terra que mana leite e mel”. Aquilo que mais eles esperavam, e que era promessa tantas vezes repetida de chegar à terra prometida não aconteceu. A frustração é tão grande que ironicamente atribuem à terra de onde saíram as qualidades da terra prometida: “...nos fizeste subir de uma terra que mana leite e mel, para nos fazer morrer no deserto” (v. 13a). Ainda Moisés não conseguiu introduzi-los na terra que mana leite e mel. Em 16,14a, o substantivo **אֶרֶץ** (“terra”), precedido pela preposição direcional **לְ** (“para”), é o possível ponto de chegada da caminhada do êxodo, a terra prometida “que mana leite e mel”. Com efeito o verbo **הִבִּיאֲתָנִי** (“entrar” ou “vir”), aqui utilizado na forma do perfeito hifil com sufixo pronominal de primeira plural (“nos fizeste entrar”)⁴⁹², é um verbo que expressa o fim do

⁴⁹¹ Por trás da queixa contra Moisés e Aarão, em Nm 16,3d-f, está o livro do Deuteronômio (Dt 7,6; 14,2), com seu conceito de santidade, segundo o qual todo o povo é santificado pelo êxodo. A revolta fracassada com o extermínio do grupo dos revoltados seria o fracasso de uma tentativa de reforma por parte de um grupo profético, em oposição à elite sadocita que voltou do exílio. Esta possível influência do Deuteronômio como base da queixa dos revoltosos em Nm 16,3 é sustentada por vários autores: Bentzen, Weinfeld, Friedmann, Kraus, Blum, Crüsemann (cf. CRÜSEMANN, F. *A Torá*, p. 487-488; BLUM, E. *Studien zur Komposition des Pentateuch*, p. 335 e 367).

⁴⁹² O verbo da raiz **בוא** (“vir”, “entrar”) ocupa o primeiro lugar entre os verbos de movimento. Só na forma hifil aparece 549 vezes. No contexto da caminhada do êxodo ou promessa da terra, Deus é o sujeito que “faz entrar” (Gn 45,25; Ex 23,20; Nm 14,25; 26,41; Dt 4,28; 30,5; Jr 25,9.13; Ez 17,20; 28,16; 34,13). É um verbo muito frequente junto a outros dois verbos de movimento: **צא** (“sair”) e **עלה** (“subir”).

movimento do êxodo, como entrada na terra prometida (cf. Nm 4,21;14,24; 20,5; Lv 26,41; Dt 30,5).

Para a decepção do grupo, a entrada na terra não aconteceu: “*Nem tampouco para uma terra que mana leite e mel nos fizeste entrar*” (v. 14a). A terra será uma herança de campos e vinhas (v. 14b) da qual conforme a promessa, o povo deveria tomar posse. שָׂדֵה וְכַרְם (“campo e vinha”), com frequência aparecem juntos e são nomes coletivos (Nm 20,17; 21,22) que resumem a riqueza da terra (cf. Gn 9,20; Ex.22,4; Lv 19,10; Nm 16,14; 20,17; 21,22; Ct 1,6; 8,11; Is 1,8)⁴⁹³ como terra cultivável e produtiva. A rejeição da autoridade de Moisés é motivada pelo não cumprimento da promessa. O grupo sente-se traído, por não conseguir ainda a terra fértil de campos e vinhas e, por isso, conspiram entre si, na recusa de seguir Moisés e prosseguir na marcha até a posse da herança (cf. Nm 14,1-4)⁴⁹⁴. Como insulto final, no v.14c, Datã e Abiram alegam que Moisés os está enganando, quando perguntam: הֲאֵנָּשִׁים הֵם תִּנְקַר הָעֵינִי (“Os olhos daqueles homens arrancarás”)? Esta é uma expressão equivalente a seduzir com falsas promessas (cf. 1Sm 12,2; Pr 30,17). Trata-se de uma metáfora para “tornar cegos os nossos olhos”⁴⁹⁵. A expressão é semelhante em Dt 16,19 onde se afirma que o suborno cega os olhos do sábio. Moisés é acusado de enganar o povo com falsas promessas. Arrancar os olhos era também uma punição conhecida a escravos fugitivos, prisioneiros ou vassalos rebeldes (cf. Jz 16,21; 2Rs 25,4-7; Jr 39,4-7; 52,7-11)⁴⁹⁶. A punição significa de fato, a absoluta perda de poder com o qual o vencedor subjuga totalmente os vencidos⁴⁹⁷. Com a expressão forte “arrancar os olhos”, Moisés é acusado de tomar por cegos os membros do seu povo, como se não pudessem ver a realidade tão distante da promessa⁴⁹⁸, ou como completamente submissos sem poder de reação. A linguagem é dura, e eles definitivamente rompem com Moisés e não aceitam juntar-se ao seu grupo. Mais uma vez o texto coloca a resposta de Datã e Abiram: “Não subiremos” (v. 14d).

⁴⁹³ Cf. ZORELL, F. *Lexicon Hebraicum Veteris Testamenti*, p. 372; B. GRAY, G. B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 201; LEVINE, B. A. *Numbers 1-20*, p. 414.

⁴⁹⁴ Cf. BERGANT, D; KARRIS, J. (Org.). *Comentário Bíblico*, vol. 1, p. 167.

⁴⁹⁵ Um outros exemplo desse tipo de metáfora temos em 1Sm 29,4: “as cabeças daqueles homens” significa “nossas cabeças”.

⁴⁹⁶ Cf. LEVINE, B. A. *Numbers 1-20*, p. 414.

⁴⁹⁷ Cf. SCHAT, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 221.

⁴⁹⁸ Cf. BERNINI, G. *Il libro dei Numeri*, p. 176; ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 311.

4.3.5. A reação irada de Moisés (v. 15a)

Diante das acusações, **וַיִּחַר לְמֹשֶׁה מְאֹד** “Moisés tornou-se muito irado”, o autor expressa a forte reação de Moisés contra os revoltosos. A narração destaca o conflito chegado a um nível em que os dois grupos não se suportam. É o auge da ruptura desse grupo com seu líder. Reação semelhante teve Moisés só ao descer da montanha, diante da idolatria do povo: **וַיִּחַר-אַף מֹשֶׁה** (“acendeu-se a ira de Moisés”) (Ex 32,19). Lá o povo rejeitou YHWH que o tirou do Egito, e também colocou em dúvida a liderança de Moisés (Ex 32,1). Por isso acendeu-se a ira de YHWH (Ex 32,10-11) e a ira de Moisés (Ex 32,19).

O nosso texto mostra que um grupo rejeitou Moisés e absolutamente não mais acreditaram entrar na terra prometida, sob a sua liderança. Por enquanto só Moisés tornou-se irado. Deus será evocado como um terceiro, e por enquanto não interfere. Datã e Abiram se recusam a comparecer diante de Moisés. A postura desse grupo é de resistência ao permanecer distanciado e responder: “não subiremos”⁴⁹⁹. Com a negação enfática de Datã e Abiram, acontece um “rompimento, uma rescisão de vassalagem” (F.Crüsemann), colocando um fim a qualquer comunicação com Moisés. Este não tem como reatar relações com eles. Moisés dirige-se então a Deus, não porque estaria irado contra Deus⁵⁰⁰, mas porque não tem a quem recorrer. Deve agora assegurar, diante de YHWH, a legitimação da sua liderança, ao argumentar que não recebeu nenhuma vantagem pessoal. Muito irado, Moisés entrega Datã e Abiram expressamente à ira de YHWH. Nenhuma intermediação cultural deve ser possível para eles⁵⁰¹. Moisés não intercede, está fechado em si mesmo, como em 16,4. Aí ele caiu sobre a sua face, sentindo-se solitário e inseguro diante das acusações. O problema é jogado para a esfera divina: “Moisés disse a YHWH...” (16,15)⁵⁰².

⁴⁹⁹ Cf. SCHATZ, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 221.

⁵⁰⁰ O Antigo Testamento jamais fala de alguém que se torna abertamente irado em relação a Deus. Neste caso, Moisés expressa ira na conversação com Deus. A ira diante de YHWH pode envolver também um julgamento de YHWH (Cf. FREEDMAN L. **חָרָה** (“irar-se”). In: BOTTERWEK, G. J.; RINGGREN, H. *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. VI, p. 176.

⁵⁰¹ Cf. SCHATZ, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 222-223.

⁵⁰² Em Nm 16,15 Moisés fala a YHWH, porém YHWH, por enquanto, não responde. Somente na tenda do encontro, ele irá revelar a Moisés o que fazer diante do conflito.

4.3.6. O discurso de Moisés contra os revoltosos (v. 15c-e)

O discurso de Moisés a Deus continua a alimentar nos leitores a expectativa da solução que virá de YHWH no dia seguinte. Moisés irado pede a Deus: **אַל-תִּפֶּן אֶל-מִנְחָתָם** “não te voltes para a oferta deles”. O verbo **פָּנָה** precedido com a forma enfática de negação **אַל** e seguido com a preposição **אֶל** (“para a oferta deles”) tem o sentido de direção do movimento: “não se voltar para”. Nesse texto é uma metáfora para: “prestar atenção”, “considerar”⁵⁰³. Moisés é duro e vingativo. Ao invés de interceder e pedir a misericórdia para que YHWH não se volte para a dureza do povo, como pedira em outras ocasiões (Dt 9,27; Cf. Nm 12,13; 14,19;), ao contrário, pede que YHWH não volte para **מִנְחָתָם** (“a oferta deles”). É um pedido para que o Senhor não se dirija para Datã e Abiram, não dê atenção à oferta deles (cf. Sl 102,17-18; Dt 9,27; Lv 26,9; Ez 36,9)⁵⁰⁴. De acordo com o verbo **פָּנָה**, que significa “voltar a face”, o pedido é que YHWH se negue a manifestar-se com sua face protetora. Para Moisés, Datã e Abiram não são retos diante de YHWH⁵⁰⁵. O termo **מִנְחָה**, oferta, aqui é entendido no campo profano como presente, tributo, oferta vegetal em geral. Nesse caso, nada tem a ver com a oferta de incenso (v. 7) ou oferta⁵⁰⁶ no contexto cultual. O sufixo de terceira masculino plural, por ser indefinido (oferta deles), levou alguns autores a interpretá-lo no sentido cultual, referindo-se ao grupo de Coré que deve realizar a oferta do incenso (Nm 16,17). No entanto, no contexto parece mais lógico considerar que o sufixo refere-se a Datã e Abiram, que são um grupo de leigos. O termo geral mais apropriado para expressar oferenda com referência ao incenso na tradição sacerdotal é **קָרְבָּן**. Aqui **מִנְחָתָם** (“a oferta deles”) é uma oferta de qualquer tipo, seja de grãos ou animais (cf. Gn 4,2-5; 1Sm 2,17.29; 26,19; Is 1,13; Sl 96,8; Sf 3,10)⁵⁰⁷.

⁵⁰³ ALONSO SCHÖKEL, L. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 538.

⁵⁰⁴ Cf. GRAY, G. B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 201.

⁵⁰⁵ A narração tende a separar os justos dos culpados para que a punição de Deus tenha os seus efeitos. Esta teologia já é conhecida em Gn 18; 1Sm 12,2-4 (cf. BOSCHI, B. G. *Numeri*, p. 143).

⁵⁰⁶ Cf. SNAITH, N. H. *Leviticus and Numbers*, p. 258. A tradição Sacerdotal passou a referir-se a **מִנְחָה** como uma oferta vegetal de uma mistura de óleo, farinha e incenso (cf. VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*, vol. 1, p. 252).

⁵⁰⁷ Cf. BROWN, F; DRIVER, S.R; BRIGGS, C. A. *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, p. 585. Os comentários de Gray e Budd também concordam tratar-se de uma oferta geral, sem a necessária conexão com o culto.

Alguns autores, devido à interpretação cultural da palavra מִנְחָה, (“oferenda”), sugerem aqui uma oposição entre o culto mosaico central e o processo de descentralização. A recusa “não subiremos” seria nesse sentido, a negação do grupo em aceitar o culto central anfictionico⁵⁰⁸. Para outros, seria a negação de tomar parte da celebração em Jerusalém sob a direção do rei⁵⁰⁹. São interpretações culturais. Como vimos, o texto de Nm 16,12-15 não apresenta uma relação tão clara com o culto. O texto de fato relata uma situação de conflito forte contra uma autoridade central. Somente em 16,18, aparecerá claro um contexto de culto quando o grupo de Coré irá preparar uma oferenda de incenso⁵¹⁰. O que é claro, em nosso texto, é um pedido de Moisés a fim de que Datã e Abiram sejam privados do acesso a YHWH e excluídos de sua proteção⁵¹¹. A palavra “oferta” não implica necessariamente atividade sacerdotal, mas um modo convencional de falar da aceitação ou não aceitação na presença de Deus (cf. Gn 4,4-5)⁵¹². O sujeito que pede é Moisés como líder. Ele é quem leva à realização ou rompimento. O discurso de Moisés está negando qualquer participação ou partilha dos opositores. Como Datã e Abiram não se voltaram para Moisés, este pede que YHWH não se volte para aqueles. Se YHWH afastar a sua face, que é sua proteção, eles não subsistirão (Nm 12,9-10;14,9)⁵¹³. Por isso, a oração de Moisés é como um decreto de condenação irreversível. O autor preanuncia que a ruptura com Moisés será também ruptura com YHWH. Eles não terão parte, uma vez que Moisés falou para YHWH não voltar para eles. Cada um está voltado do lado contrário e parece não querer confrontar-se face a face com o outro. Desta divisão, resulta o juízo com a separação dos justos dos culpados para que a punição de Deus tenha efeito⁵¹⁴. O Senhor é invocado também para manter-se afastado deles.

⁵⁰⁸ Este é o parecer de H. S. Nyberg e H. J. Gunneweg. (cf. BUDD, P. *Numbers*, p.185-186). Esta posição é criticada por causa do conceito de Anfictionia de Martin Noth ser considerado por muitos estudiosos como superado (cf. DONNER, H. *História de Israel e dos povos vizinhos*, vol. 1, p. 73-76).

⁵⁰⁹ Cf. AHUIS, F. *Autorität im Umbruch*, p. 38. Esta interpretação de F. Ahuis semelhante à de H. S. Nyberg e H. J. Gunneweg é pouco adotada e tem recebido críticas (cf. SCHAT, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 221, nota 105).

⁵¹⁰ Cf. COATS, G. W. *Rebellion in the Wilderness*, p. 158.

⁵¹¹ Cf. ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers* p. 312.

⁵¹² BUDD, P. J. *Numbers*, p. 187. Aqui o termo מִנְחָה é de tradição Jeovista e dificilmente pode ser de tradição sacerdotal como pensam alguns autores.

⁵¹³ A revolta está justamente no fato de eles não se voltarem para Moisés como gesto de submissão. Ao pedir que YHWH não se volte para eles, Moisés está pedindo que YHWH afaste a sua proteção com isso atraindo sobre eles a desgraça (cf. Sl 104,29).

⁵¹⁴ Cf. BOSCI, B. G. *Numeri*, p. 143.

Moisés se defende da acusação ao falar a Deus para dizer que ele não tomou sequer um asno: “Não levei um só asno deles” (v.15d)⁵¹⁵. O asno era sinônimo de uma coisa apreciável, valiosa. Esse modo de falar era proverbial para argumentar uma defesa diante de acusações. Como consta em uma carta de defesa de um vassalo cananeu ao seu Senhor, o faraó Eknaton: “O rei meu Senhor, queira se convencer por uma investigação. Se eu tiver tomado de um homem um único boi ou burro. Ele está no direito” (Carta de Amarna n.280). Samuel também se defende diante de todo Israel com a mesma expressão: “A quem tomei o boi, e a quem tomei o jumento”? (1Sm 12,3; 12,3)⁵¹⁶.

Moisés não está preso a este grupo, pois não recebeu nenhum dom ou oferta. Não deve obrigação nenhuma. Por isso sua fala a Deus é para livrá-lo de qualquer compromisso. Segundo ele, a omissão de Datã e Abiram deve ter incidência no relacionamento com Deus. Se YHWH os fez subir do Egito para lhes dar a terra, negar a posse da terra será uma ofensa ao próprio YHWH que fez a promessa. Desta forma também, a revolta contra os líderes supremos como condutores do povo será uma revolta contra Deus que estabeleceu esta ordem (Nm 16,11)⁵¹⁷.

Moisés conclui o discurso ao dizer: “não fiz mal a um deles”. A conclusão ressalta a completa separação entre os grupos. No paralelo entre o v. 15d e o v.15e, aparece duas vezes o numeral “um” e o pronome pessoal de terceira masculino plural “eles”. Junto aparece a preposição **מִן** (de) entendida como partitiva. Moisés não carregou “um asno deles”, como não fez mal a **אֶת־אֶחָד מֵהֵם** (“um deles”). Com isso, ele se justifica diante de YHWH, como alguém que não tem nenhuma parte com esse grupo. Eles estão completamente separados. Esta declaração a Deus prepara o julgamento que virá na cenas seguintes. Da parte de Datã e Abiram, o movimento cessa, porque eles que já disseram “não subiremos” irão resistir postados na entrada da tenda. De ora em diante, será o grupo de Moisés ou

⁵¹⁵ A Setenta corrige em lugar de **אֶת־אֶחָד מֵהֵם** (“asno”) propõe **אֶת־אֶחָד מֵהֵם** (“desejado”). O termo é um participio passivo da raiz **אָחַד** que significa: “cobiçar”, “desejar”. A proposta de sua tradução é **ἐπιθυμημα** (“coisa veementemente desejável”). Não é necessária esta alteração, pois o asno era sinônimo de algo de valor apreciável.

⁵¹⁶ Cf. STAUBLI, T. *Die Bücher Levitikus Numeri*, p. 165.

⁵¹⁷ O final desta unidade tem semelhança com o final da unidade anterior. Eles estão se revoltando contra YHWH. Tanto a liderança religiosa (Aarão como “o eleito”) como a liderança política (Moisés) buscam legitimar a autoridade em Deus, ao argumentar com um discurso teológico que os súditos, por causa da revolta, tornam-se culpados diante de Deus e sujeitos ao castigo divino.

a congregação de Israel que vai afastar-se do grupo dos revoltosos para sobreviver às ações de castigo de YHWH (cf. Nm 11,33-35)⁵¹⁸. O julgamento acontece de forma semelhante aos espiões que duvidaram e formaram uma rebelião para não entrar na terra. Disseram: “Não poderemos subir” (Nm 13,31). Por isso סָר צֶלֶם (“retirou-se a sombra deles”) מֵעֲלֵיהֶם (“de cima deles”) significa a retirada da proteção, como presença constante de YHWH que os acompanha nos sinais da sua glória ou da nuvem (Nm 14,9). Assim, no v. 15c, a postura resistente de não subir até Moisés, resultou no pedido de Moisés que YHWH não volte para a oferta deles. A separação do grupo de Moisés, na seqüência das cenas, será paralela à separação de YHWH e ao conseqüente juízo final, como extermínio dos opositores.

No contexto mais amplo do conflito que reúne também o grupo de Coré na revolta, podemos também interpretar o pedido de Moisés a Deus para que não se volte para a oferta deles, no sentido cultural.⁵¹⁹ Assim, a oração contra os inimigos (Nm 16,15) pode caracterizar também um conflito com a autoridade religiosa de Moisés. De fato, o discurso de Moisés em Nm 16,29a-c (“Se como a morte de todo homem esses morrerem [...] o Senhor não me enviou”), vem responder a um confronto a sua autoridade de líder religioso⁵²⁰. Nesse sentido, o castigo de Datã e Abiram no v. 32a reúne o motivo da revolta contra a autoridade civil de Moisés, e também o motivo de eles terem negado a missão divina de Moisés como enviado de Deus⁵²¹. Nesse caso, fica claro que se revoltar contra a autoridade de Moisés significa revoltar-se contra Deus, num paralelo com o v.11, em que a revolta do grupo levita de Coré contra Aarão foi interpretada como revolta contra Deus. Por isso, o autor, no v. 32a-b, relata o mesmo castigo, seja para os revoltosos do grupo de Datã e Abiram, como também para os homens do grupo de Coré. Eles, ao se revoltarem, seja contra Moisés, líder civil ou religioso, seja contra Aarão, líder

⁵¹⁸ Cf. SCHAT, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 237.

⁵¹⁹ Cf. FRITZ, W. *Israel in der Wüste*, p. 24-26; AHUIS, F. *Autorität im Umbruch*, p. 72-73; SCHORN, U. Rubeniten als exemplarische Ausfrüer in Num 16f/Deut 11. *Beiträge Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, vol. 294, p. 252.

⁵²⁰ Se interpretar o termo com o sentido sacrificial, pode-se supor, neste conflito de Datã e Abiram contra Moisés, um conflito contra uma casa sacerdotal da descendência de Moisés (Musita) (cf. CROSS, J; MOORE, F. *Canaanite Myth and Hebrew Epic*, p. 195-215). Para resolver os conflitos entre grupos sacerdotais em Israel, Cross postula a existência de duas casas sacerdotais: Musita (da descendência de Moisés) e aronita (da descendência de Aarão). O livro de J. Cross é citado e comentado por: PIXLEY, J. *Êxodo*, p. 246.

⁵²¹ Cf. LIVER, J. Korah, Dothan and Abiram. *Scripta Hierosolymitana*, vol. 8, p. 195.

religioso, estão se revoltando contra Deus. Por isso foram igualmente engolidos pela terra.

A intenção do autor é apresentar um relato de rebelião arquetipo reunindo vários grupos contra Moisés e Aarão. As queixas e revoltas fracassadas de grupos contra a autoridade de Moisés e Aarão, visam a hostilizar os levitas e qualquer outro grupo de oposição ao sacerdócio sadocita, como um grupo rebelde e hostil contra Deus. O fundo histórico para a junção desses conflitos em Nm 16–17 é provável que seja o período do pós-exílio tardio, depois de 520 a. C, quando uma dinastia sacerdotal vinda do exílio se impôs com poderes religiosos e civis para organizar o povo na dispersão. A dramatização dos conflitos contra a autoridade retrata os conflitos de levitas e outros grupos que não aceitaram a classe sacerdotal e seus privilégios de acesso ao templo.